VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas
LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA
17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

AULA DE CAMPO AFROCENTRADA: CONSTRUINDO A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DENTRO E FORA DA ESCOLA

Jéssica Ohana Silva Pereira[1]

[1]Universidade do Estado da Bahia, jessicaohanasp@gmail.com

Palavras-Chaves: Educação Antirracista; Aula de campo; Identidade negra; Educação afrocentrada.

INTRODUÇÃO

A educação formal que encontramos atualmente nas instituições educacionais foi concebida no período colonial e, a julgar somente pelo contexto histórico, já é possível perceber criticamente que em sua essência está presente estereótipos, conceitos e concepções lidas como racistas e discriminatórias. Mesmo com o passar do tempo e a evolução nas discursões que interferem diretamente na construção identitária da população brasileira, é preciso um esforço para não reproduzir o racismo que ainda se faz presente nas entranhas do sistema educacional.

A Educação Antirracista precisa existir para chegarmos de fato ao sentido primordial do que deve ser a educação, sobretudo a educação pública, e nesses espaços em que o sentimento de comunidade é construído, que a Educação Antirracista se torna próspera. Como sabiamente nos orienta hooks (2020), é preciso honrar a educação como prática da liberdade e caminhar em direção a essa liberdade é, a priori, proporcionar meios de reparação e o aniquilamento de discriminações e preconceitos de qualquer ordem.

É também pelo senso de comunidade que atualmente dispomos de leis que tornam obrigatório o estudo da história e culturas africanas, afro-brasileira e indígena, pauta fundamental do Movimento Negro que, de acordo com Gomes (2018) é uma instituição com caráter emancipatório, reivindicativo e afirmativo. Tais instrumentos legais são frutos da luta do movimento negro, importantes ações afirmativas, porém ainda existem lacunas para que a lei seja cumprida da forma que deve ser: em todas as disciplinas do currículo escolar, de forma transversal, e não apenas em história, literatura e artes, em todas as escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio.

Já se passaram mais de 20 anos da promulgação da lei 10.639/2003 reconhecida como uma das mais importantes conquistas da população negra e, mesmo com todo esse tempo, o cenário diante das práticas educacionais nos mostra que ainda há muito a ser feito. Trata-se de raízes profundas que se fazem presentes no dia a dia escolar, seja pelo motivo da escola ser um microcosmo do que pode ser percebido socialmente, seja pelo contexto histórico e social de quando o sistema de educação formal fora idealizado, trazendo ainda o apagamento da história do Brasil em que temos a população negra como protagonista, além da distorção dos conhecimentos apresentados aos discentes, provocada pelo racismo. A reformulação e modificação dessa educação acontece a cada passo docente dado em direção a Educação Antirracista em que um dos seus principais objetivos é o resgate da possibilidade de sonhar que, por vezes, não é percebido nos jovens negros.

Dessa forma, o presente trabalho surge do relato de experiência produzido a partir da proposição didática alinhada com a perspectiva da Educação Antirracista realizada em três turmas de segunda série do ensino médio de um colégio estadual localizado na cidade de Lagoa Real, região sudoeste do estado da Bahia.

A proposta em questão baseava-se na execução de uma aula de campo afrocentrada[1] desenvolvida para os componentes curriculares intitulados: "ESTAÇÃO DO SABER VII - Vivências e práticas experimentais transdisciplinares: Identidade, Pertencimento com ênfase em Relações Étnico Raciais" para a turma de segunda série do ensino médio integral e "História dos meus ancestrais" para duas turmas de segunda série do ensino médio parcial do turno vespertino do Colégio Estadual Luís Prisco Viana.

Localizada a 58 quilômetros de Caetité, Lagoa Real é uma cidade com cerca de 14.105 habitantes de acordo com o Censo Demográfico de 2022 do IBGE (IBGE, 2023). Tratando-se de cidade de porte pequeno, a universidade mais próxima é a UNEB campus VI, sendo esse o motivo primordial para a escolha da aula de campo ser realizada em Caetité. Para além da visitação do campus universitário, na cidade encontra-se uma biblioteca, o Afroespaço de Leitura Iya Odé, em que os seus mais de 130 livros são em sua totalidade de temática afrocentrada quase todos de autoria negra, tendo como sede o terreiro de Candomblé Ilê Asé Dana Dana.

Dessa forma, a aula de campo afrocentrada aconteceu no dia 29 de julho de 2025 nos turnos matutino e vespertino e teve como principais objetivos promover o contato dos estudantes com o ambiente universitário, estimular o interesse pela pesquisa e pelo conhecimento científico, fomentar a valorização da cultura afro-brasileira e a discussão sobre representatividade e despertar a consciência para a importância dos espaços de memória e resistência cultural.

Dentro do campus universitário, o objetivo era identificar as diferentes áreas e cursos oferecidos pela UNEB; visitar, com a presença e explicação das monitoras, os laboratórios disponíveis e analisar as obras da exposição fotográfica "FACES NEGRAS" que, no momento, tinha o Campus VI como sede, compreendendo suas narrativas e significados e debater sobre a representatividade negra na sociedade contemporânea a partir da exposição. Já na biblioteca do terreiro Ilê Asé Dana Dana, o propósito era conhecer a estrutura e o funcionamento do Afroespaço de Leitura, explorar livremente o acervo bibliográfico, identificando a relevância da literatura afro-brasileira.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com base em um estudo de campo qualitativo, que teve como objetivo principal proporcionar uma imersão cultural e educacional aos participantes. A metodologia foi estruturada em duas etapas distintas, realizadas no mesmo dia, para explorar diferentes espaços de produção de conhecimento e identidade.

[1] O termo "afrocentrada" corresponde a um ponto de vista que coloca a África e os povos de ascendência africana no centro da análise de eventos históricos, sociais e culturais. Em vez de ver a história através de uma lente eurocêntrica (centrada na Europa), a visão afrocentrada busca reinterpretar o mundo a partir de uma perspectiva africana, reconhecendo e valorizando suas contribuições.

A primeira parte da pesquisa consistiu em uma visita de campo ao campus da UNEB. Após a recepção dos estudantes, foi realizada uma breve contextualização sobre a história, missão e estrutura da universidade. O roteiro incluiu um percurso guiado pelas principais instalações, como o Laboratório de Zoologia, o Laboratório de Geografia e o Herbário, com o intuito de familiarizar os visitantes com o ambiente acadêmico e as possibilidades de ensino superior.

Em seguida, foi conduzida uma visita à exposição fotográfica "FACES NEGRAS" que estava situada no pátio no departamento. A exposição trata-se uma das ações de um coletivo criado e coordenado por mulheres negras, o Coletivo Negras Diversas que, através da arte fotográfica, empodera e valoriza a imagens de pessoas negras reposicionando-a para um olhar de beleza, fortalecimento identitário e valorização. Durante essa atividade, os participantes foram introduzidos ao conceito da exposição e convidados a uma análise e debate guiados sobre as imagens. A discussão focou em temas como representação, identidade e ancestralidade negra, permitindo que os estudantes expressassem suas emoções e reflexões sobre o tema.

A segunda etapa da aula de campo afrocentrada foi realizada no terreiro Ilê Asé Dana Dana, com foco no Afroespaço de Leitura Ya Odé. No Afroespaço, os participantes tiveram a oportunidade de explorar livremente o acervo bibliográfico. E a recepção no local incluiu uma apresentação sobre a comunidade, suas tradições e o papel do Afroespaço como centro de preservação cultural e difusão de conhecimento.

A atividade culminou em uma roda de conversa, onde foram discutidos a importância do espaço para a memória e o fortalecimento da identidade afro-brasileira. A etapa finalizou com momento de perguntas e dúvidas sobre a religião e o depoimento de uma representante da comunidade, que compartilhou suas experiências e a relevância da leitura e do espaço criado e certificado pelo poder federal e estadual como ponto de cultura.

Os dados foram coletados a partir da observação participante, da análise dos debates e reflexões surgidos durante as atividades e através dos relatos de experiências escritos pelos estudantes após a execução da aula de campo. O registro das interações e das falas dos participantes nas rodas de conversa e nos debates guiados forneceram material para a compreensão da percepção dos estudantes sobre os temas abordados, a vida universitária e a cultura afro-brasileira. A imersão em ambos os ambientes permitiu a coleta de dados ricos e contextuais para a análise posterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aula de campo afrocentrada aconteceu no dia 29 de julho, praticamente um mês antes de finalizar a segunda unidade letiva e foi necessário que acontecesse nesse período pois fez-se imprescindível um tempo antes para que as aulas no ambiente escolar formassem a base teórica para discutir algumas temáticas antes que a aula acontecesse, proporcionando uma maior profundidade com o que seria visto e analisado pelos estudantes.

Durante o ano letivo vários textos, episódios de podcasts afrocentrados, trechos de filmes, clipes e discussões aconteceram em sala de aula sobre assuntos como grandes personalidades intelectuais negras brasileiras, o surgimento da primeira universidade, a

construção de conhecimentos no velho mundo (Kemet) e como se formaram as religiões de matrizes africana, sendo trabalhadas exatamente nessa ordem.

As últimas discussões antes da aula de campo afrocentrada teve como principal referência bibliográfica a obra "Pan-Africanismo, Poder Preto e História Preta" que é uma coleção de escritos de John Henrik Clarke, um historiador autodidata, professor, escritor pan-africanista e nacionalista preto que dedicou sua vida ao ensino e pesquisa da verdadeira história africana, sobre a qual ele argumenta que existe uma sistemática supressão e distorção racista por parte dos acadêmicos tradicionais. A partir da leitura de trechos do livro, foi possível discutir fatos, como por exemplo, a responsabilidade da igreja católica no início, justificação e fortalecimento ideológico do tráfico comercial de africanos e africanas como alternativa para a escravização de pessoas negras e a construção do racismo.

Outra fonte bibliográfica utilizada logo antes da execução da aula de campo foi o podcast "Projeto Querino", especificamente o episódio "A cor dos faraós", alternativa viável para manter o interesse estudantil através de uma outra forma de compartilhamento de conhecimento. A partir da audição do trabalho do repórter Tiago Rogero em seu podcast, construímos a base teórica para discutirmos o contexto histórico brasileiro no que tange as proibições quanto as práticas religiosas de matrizes africanas no período colonial e pós e as violências e o desrespeito religioso sofridos por pessoas que cultuam Orixás e outras manifestações de matrizes africana em tempos passados e atuais.

Desde a apresentação da proposta de aula de campo pôde ser percebido alguns elementos interessantes para análise como por exemplo a recusa de alguns estudantes em participar. Muitos pela impossibilidade de estar presente no Colégio em um turno diferente ao seu turno de matrícula visto que, sendo moradores de comunidades rurais, a ausência de transporte mostrou-se um empecilho. Porém, também houve quem não se disponibilizou por um dos espaços a serem visitados ser um terreiro de Candomblé.

Tratando-se de estudantes com a faixa etária de 15 a 18 anos, 90% eram menores de idade e precisavam apresentar o termo de responsabilidade assinado pelo responsável para que realmente pudesse participar da aula de campo. Nenhum estudante chegou a justificar a sua ausência pelo fato de parte da visita acontecer em um templo religioso candomblecista, deixando em aberto o entendimento de se a recusa acontecera por conta própria ou por orientação parental.

Tivemos o total de 45 estudantes presentes na aula de campo e, antes de apresentarem o termo assinado confirmando a ida à Caetité, 3 estudantes informaram que a condição para se fazerem presentes seria ficar do lado de fora do terreiro enquanto a visita estivesse acontecendo. Uma das estudantes em questão já havia expressado em aula a vontade de fazer faculdade e a curiosidade de saber como seria já que, nem ela e nem ninguém da sua família, havia posto os pés em uma. Não havendo avanços no diálogo em busca de entendimento para a limitação, a condição foi respeitada para que pudessem desfrutar do passeio pelo campus e os estudantes em questão permaneceram pelo lado de fora do templo, acompanhados pela secretária escolar.

Para os que estiveram dispostos a interagir o que até então era desconhecido, tiveram a oportunidade de desconstruir estereótipos sobre as religiões de matrizes africana como pode ser percebido nos relatos descritos abaixo sobre o Ilê Asé Dana Dana:

"O que mais me marcou nessa vivência foi perceber que o terreiro não é apenas um espaço religioso, mas também um espaço acolhimento e conhecimento"

"Essa vivência me fez entender que valorizar o legado da população negra é também uma forma de lutar por um futuro mais justo e igualitário"

"Saí de lá com a sensação de que esse tipo de atividade nos ajuda a ampliar a visão de mundo e de outras culturas"

"No terreiro nos foi dado a oportunidade de fazermos perguntas que ajudou a retirar um pouco do preconceito que o pessoal tem em relação ao candomblé"

"Admito que eu tinha certo preconceito e desconhecimento sobre essa religião, cresci ouvindo ideias negativas sobre o candomblé. No entanto, ao entrar no terreiro, fui acolhida com respeito e pude ouvir, observar e aprender de verdade, entender a conexão com os ancestrais e com a natureza, me fez repensar minhas ideias"

"O que mais me marcou foi o quanto essa aula abriu nossos olhos. A gente cresce numa sociedade muito ligada ao catolicismo e com isso acabamos aprendendo várias coisas erradas ou distorcidas. Muitas vezes a gente é ensinado a ver as religiões de matriz africana com preconceito, como se fosse algum ruim, mas é por falta de conhecimento. Isso vem de gerações, porque nossos pais, avós e bisavós também não tiveram acesso a esse tipo de informação"

"O que mais me surpreendeu foi perceber que tudo o que eu havia escutado sobre terreiros antes era baseado em mentiras e preconceitos. Em nenhum momento me senti mal ou desconfortável por estar naquele espaço. Pelo contrário, senti acolhimento, respeito e muita paz. Foi um lugar que me ensinou muito, tanto sobre espiritualidade quanto sobre resistência e identidade".

"Participar dessa aula de campo foi uma experiência transformadora. Além de aprender sobre ciência, cultura e ancestralidade, pude refletir sobre a importância de respeitar as diferentes tradições e de combater os preconceitos que ainda existem. Essa vivência me fez enxergar com amis clareza a força do povo negro e o valor dos saberes que muitas vezes são ignorados".

"O autor Abdias Nascimento, que foi um grande defensor da cultura negra e da luta contra o racismo, disse que "a descolonização das mentalidades é tão importante quanto a descolonização dos territórios". Essa frase resume tudo que vivemos nesse dia, aprender coisas que nunca nos contaram, questionar ideias erradas e valorizar nossas origens. Essa aula de campo foi uma experiência que vou legar comigo, porque me ensinou não só sobre história e cultura, mas também sobre respeito e identidade".

Além dessas falas sobre o terreiro de candomblé, ter visitado a exposição FACES NEGRAS do Coletivo Negras Diversas também recebeu a atenção dos estudantes: "O espaço exibia fotografias de pessoas negras, que transmitiam força, beleza e representatividade. Esse momento me fez refletir sobre a importância de valorizar a identidade negra e combater estereótipos por meio da arte".

De modo geral, a aula de campo se mostrou transformadora para os participantes, principalmente para os que pouco se mostravam interessados em continuar os estudos após a conclusão do Ensino Médio. Foi possível perceber o brilho dos olhos a cada laboratório visitado, afirmando que gostaria de fazer o curso que acabara de conhecer e, como forma de

fortalecer ainda mais essa vontade recém-chegada, as monitoras eram jovens estudantes negras que, esteticamente, se pareciam com os estudantes visitantes.

Estar nesse espaço, em contato com universitários da forma como estiveram e terem a oportunidade de experienciar a visitação a uma exposição fotográfica toda feita por pessoas negras, coaduna com uma das importantes afirmações da autora Bárbara Carine Pinheiro presente no premiado livro "Como ser um educador antirracista". A frase em questão diz que "por isso a representatividade é tão importante: onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta" (Pinheiro, 2023, p. 19). É preciso se ver em espaços de potência, valorização e destaque.

Uma das grandes sequelas do racismo vivenciado pelos jovens é a falta de oportunidade de sonhar e, nesse ponto, poder vivenciar de perto, conhecer e tem contato com pessoas que vieram do mesmo lugar que eles, fortalece ainda mais e de forma mais potente a importância da representatividade. A presença das monitoras, mesmo antes de qualquer fala ou explicação, foi fundamental para o fortalecimento da possibilidade de sonhar e chegar onde elas chegaram, principalmente pelo fato da monitora do herbário ser uma ex-estudante do Colégio Luís Prisco Viana tendo sua educação básica finalizada em 2023 e ingressando na UNEB no ano seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo claramente colonial e racista, o ambiente escolar precisa ser atravessado pela presença e atuação de docentes engajados e empenhados em promover a Educação Antirracista, e que não sejam apenas aqueles motivados pela sua vivência enquanto pessoa negra, mas por se tratar de uma normativa regulamentada com força de lei federal.

A Educação Antirracista e a Lei 10.639/2003 devem se fazer presentes e atuantes nos mais diferenciados espaços de ensino, nas diferentes séries durante as aulas de diferentes componentes curriculares. Precisa estar presente de forma crítica nas diversas áreas do conhecimento, formal e informal, visto que o racismo vivenciado pela população negra não escolhe dia e nem lugar para ferir física e psicologicamente corpos negros.

Dessa forma, muito pode ser feito dentro da sala de aula e fora das quatros paredes, entendendo que, para muitos estudantes, sair do ambiente comum torna-se uma experiência impactante e transformadora, com potencial para ressignificar possibilidades para além da educação básica, incentivar uma postura mais séria e comprometida durante o período formativo e preparatório para o ENEM e vestibulares.

Para além dessa aproximação com as possibilidades de vivências acadêmicas, estar em contato direto com espaços como o terreiro Ilê Asé Dana Dana proporciona a destruição de estereótipos, preconceitos e falácias racistas que são reproduzidas socialmente, rompendo com o ciclo de reprodução que se perpetuou por muitas gerações e agora, com a Educação Antirracista, esses estudantes estão tendo a oportunidade de conhecer o outro lado da história escondido em virtude do epistemicídio.

Apesar de estar a poucos quilômetros de distância, a realidade de vida do público da aula de campo configura-se grande parte moradores de comunidades rurais localizadas no entorno do município de Lagoa Real. Pisar no chão de uma universidade, para quase a totalidade dos estudantes que participaram da aula, foi uma novidade nunca antes vivenciada, o que fazia

criar no imaginário estudantil um lugar que até então só era visto em fotografias, vídeos, textos e relatos de quem já tivera a oportunidade e agora pudera criar as suas próprias vivências e impressões.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 141, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html?t=o-que-e. Acesso em: 05 ago. 2025.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta, 2023.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro unificador**: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria** prática. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.